

## ACÇÃO POPULAR LIBERTÁRIA

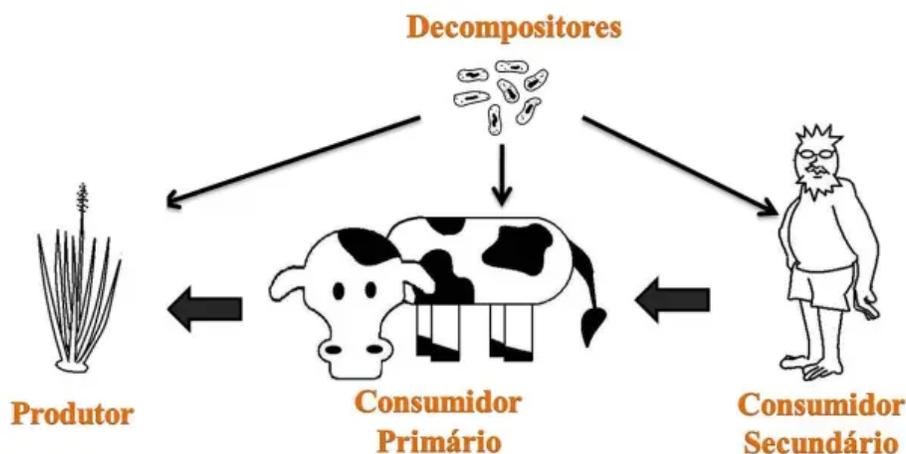
ACÇÃO POPULAR LIBERTÁRIA

### Educação como Domesticação by Layla AbdelRahim

Publicado em Abril 27, 2014 por Acção Popular Libertária

### Educação como Domesticação by Layla AbdelRahim

(Traduzido de: [www.fifthestate.org](http://www.fifthestate.org))

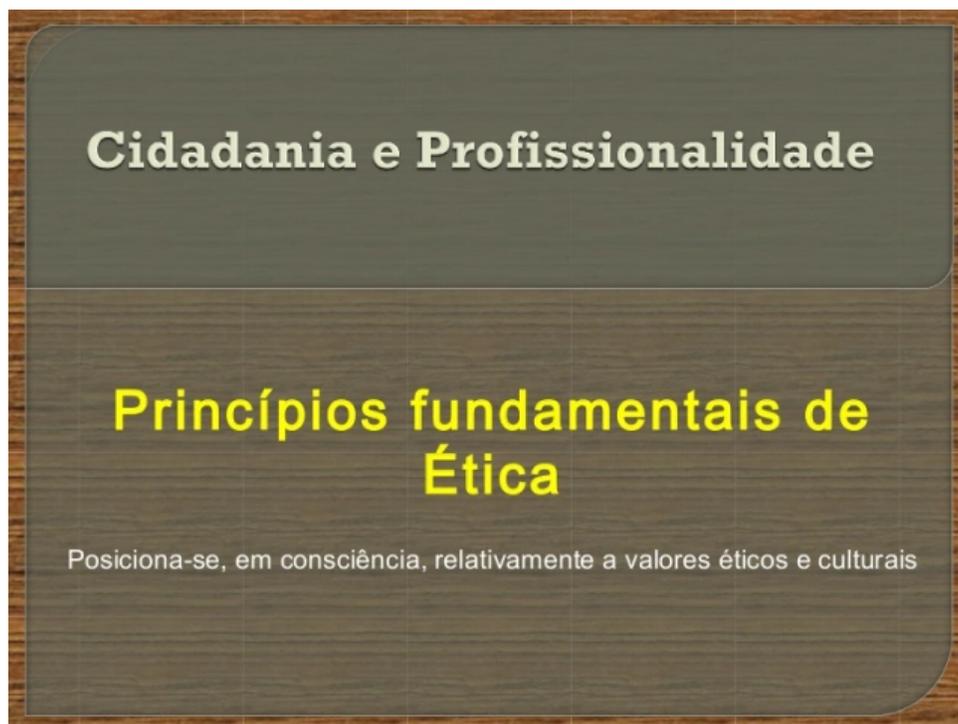


Somos levados a pensar desde crianças que tudo no mundo existe numa cadeia alimentar como um “recurso” para ser consumido por aqueles mais acima na cadeia alimentar e actualmente como consumidor de “recursos” que são os mais baixos da hierarquia predatória. Também nos dizem que a vida selvagem é violenta com perigos morais e que a civilização poupou-nos uma existência cruel. Como crianças, vamos acreditar que a vida na civilização é boa para nós, até mesmo indispensável para a nossa sobrevivência.

A civilização de hoje, nomeadamente a Europeia Ocidental, deve a sua existência á Revolução Agrícola, que nasceu no Fértil Crescente com a domesticação de trigo no Médio Oriente cerca de 17,000 Antes de cristo – um evento seguido pela domesticação de cães na Ásia cerca de 12.000 A.C. e independentes civilizações paralelas na América do Norte cerca de 11.000 AC. Uma nova concepção de comida alimentou a praxis socio-ambiental ao levar alguns humanos a mudar as suas estratégias de subsistência daquelas baseadas numa concepção do ecossistema como selvagem ou que exista para seu próprio propósito suportando a diversidade da vida para ver o mundo como servo dos propósitos humanos, para ser manejada, privatizada, e consumida.

Privacy & Cookies: This site uses cookies. By continuing to use this website, you agree to their use.  
To find out more, including how to control cookies, see here: [Cookie Policy](#)

Close and accept



Portanto, a civilização começou não simplesmente como uma revolução agrícola; em vez, a revolução ocorreu na concepção ontológica e monocultural do mundo como existir para servir o homem, criando a necessidade de tais conceitos como recursos, hierarquia, e trabalho. Porque a civilização tem raízes na apropriação dos alimentos e “recursos naturais” como também trabalho escravo ( cães, cavalos, vacas, mulheres, mineiros, agricultores, etc...), todas as nossas instituições inadvertidamente segue esta construção e as necessidades que foram geradas pela perspectiva monocultural. É por isso que toda a instituição contemporânea ou corporação têm um departamento de “Recursos humanos” e está acorrentado ao manuseamento, matança e proteção da propriedade dos recursos naturais e outros.

Todos, incluindo humanos, tornam-se “profissionais” e portanto divididos em gêneros, etnias, raças, e outras categorias especializadas em esferas específicas de trabalho, portanto caindo na definição de nichos da “cadeia alimentar”. A linguagem reflete esta categoria e naturaliza a opressão. Por exemplo, em línguas europeias, a humanidade confundida com a masculinidade. A palavra “mulher” permite-nos inconscientemente aceitar que a fimalidade detêm um aspecto de humanidade que apaga a nossa (femea) animalidade excluindo a despersonalização de animais não humanos dos privilégios acordados para alguns animais (pequeno grupo de primatas) ao pertencer à “humanidade”. Ao separar estas categorias de humanidade, animalidade, fimalidade, machismo, raça, etnia, etc. , a linguagem põe um véu na essência racista e especista da civilização onde mulheres humanas e não humanas tem sido relegadas para uma classe especializada na produção de recursos não humanos e humanos.



Como crianças, somos programados através da linguagem para aceitar o nosso lugar “especial” e papéis no ciclo da repressão. Consequentemente, os africanos foram forçados a trabalhar em plantações e minas. A classe mais desposada e baixa da Europa era tornada servil. As vacas tornam-se “comida”, os cavalos para trabalho ou entretenimento, animais selvagens exterminados ou caçados por desporto, só para mencionar alguns exemplos. Tal opção de culturas socio-ambientais ocorreram esporadicamente em sociedades humanas e não humanas durante a história da vida. No entanto, até às civilizações Egípcias e do Médio Oriente conquistarem a Europa, este paradigma de subsistência baseado na exploração e consumo nunca atingiu a escala global que estamos a viver.

Ao crescer no Sudão, aprendi, tão cedo como no quinto ano, sobre a civilização através do curriculum britânico e, desde então, a zona de Tigres e Eufrades como também o Indus Valley capturaram a minha imaginação. No entanto, continuei com dúvidas sobre a dissonância entre sentido profundo de felicidade e serenidade que experimentei na minha infância na presença do mundo selvagem e da aceitação na epistemologia civilizada que relata o mundo como inóspido para nós, onde a vida significa luta e sofrimento. Mesmo quando aceitando este sofrimento e luta até aos meus 20 anos, eu sabia lá no fundo que estando no mundo e no meu corpo era uma fonte incrível de alegria quando não submetida a decretos capitalistas, religiosos ou civilizados para obedecer aqueles acima na hierarquia da “cadeia alimentar” para trabalhar, explorar outros, e consumir.

Esta ligação entre comida, colonização e civilização esteve sempre articulada nos livros escolares como algo positivo, inteligente, e importante. Começando com o nosso curriculum escolar, escola obrigatória endotrinamos e faz coerção para que participemos neste processo de colonização.

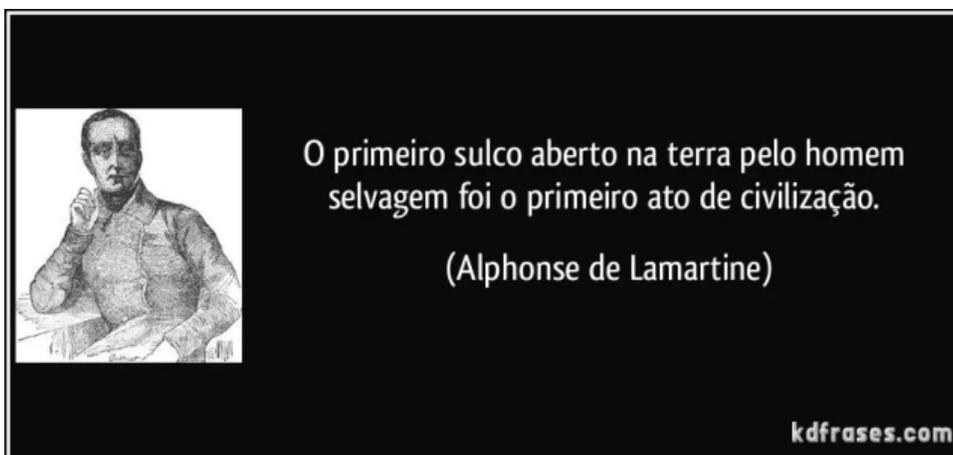


Privacy & Cookies: This site uses cookies. By continuing to use this website, you agree to their use.  
To find out more, including how to control cookies, see here: [Cookie Policy](#)

Close and accept

A colonização de sucesso depende da extensão pela qual os recursos domesticados são capazes de gerar valores excedentes de produtos, serviços, ou carne para os donos/consumidores com o mínimo de trabalho. Para o conseguir, aquele que domestica deve modificar o propósito de ser da vítima da vida selvagem por uma razão incondicional de que quem existe para trabalhar mais produtivamente em menor quantidade de tempo, no mais pequeno espaço possível, e com o menor gasto de energia possível. O domesticador deve também educar ou convencer os “recursos” que eles são recursos. Então a civilização começa com a modificação do interior ou ser domesticado. Quanto mais cedo este processo começa, melhor, preferivelmente á nascença e mesmo antes da concepção quando o próprio conceito de criança é construído no entendimento que a *raison d'être* é servir a ordem social maior, abstrata e exterior chamada de “bem comum”. A civilização precisa e portanto criou um sistema de modificação do comportamento da criança por meios imposição sistemática de informação civilizada, lógica, e esquema, nomeando a: escola.

Um fisiologista anarquista soviético e diretor do Moscow laboratory for developmental physiology entre 1935 3 1978, Ilya Arshavsky, viu o mundo selvagem como um lugar de moral, porque o selvagem é guiado pela empatia e o conhecimento de que a vida deve florescer em diversidade para podermos viver saudáveis. O selvagem não tem outra opção do que colaborar com a diversidade e vida. A civilização, em contraste, diz Arshavsky, é imoral, porque os civilizados acordaram entre eles o direito de escolher quem punir ou quem salvar, torturar ou não torturar, matar ou não matar. Mais importante, ele explica como o parentesco e a escola civilizada são responsáveis pela devastação ecológica, guerra, e outras formas de brutalidade contra animais e mundo selvagem. Não é um acidente, no entanto, que a educação civilizada toma lugar na esterelização da escola, onde as crianças são fechadas grande parte da sua vida, entre 4 paredes e são ensinadas através de tinta e outro tipo de media de como suceder ao trabalhar na civilização para reforçar a hierarquia.



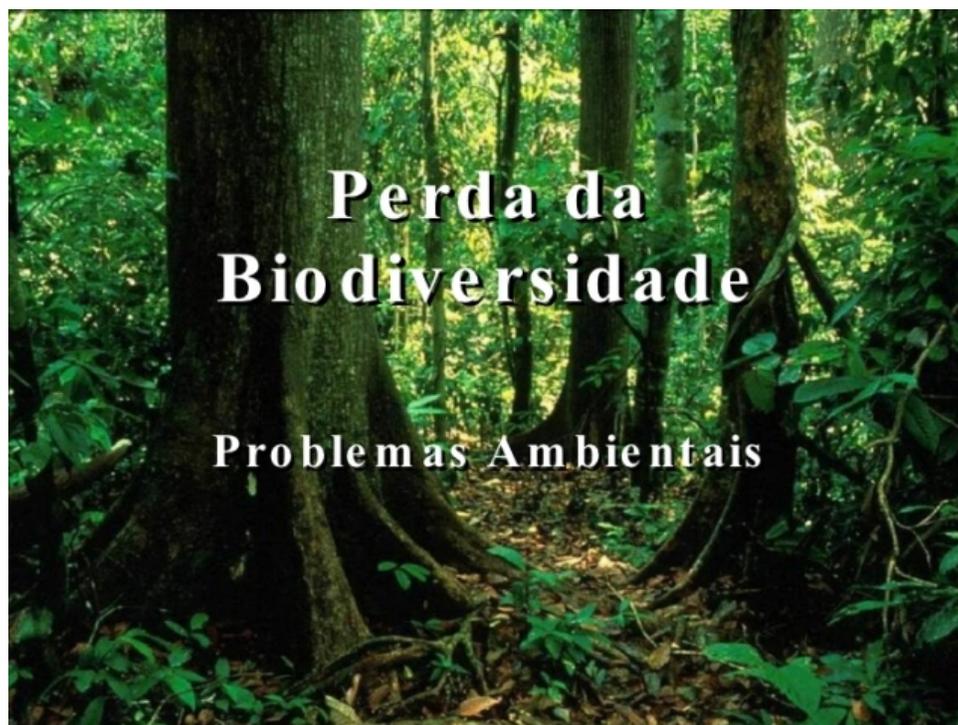
Privacy & Cookies: This site uses cookies. By continuing to use this website, you agree to their use. To find out more, including how to control cookies, see here: [Cookie Policy](#)

Close and accept

distribuição de bens segrega as crianças alunas por classes mesmo nas escolas onde se fazem tentativas de misturar géneros, grupos étnicos e classes sócio económicas. De maneiras tingíveis, a escola assegura que é negada á criança a possibilidade de experimentar a vida fora das paredes ou atrás do limite da rede familiar, porque mesmo as relações familiares são secundárias relativas ao tempo que a criança passa na escola e para a importância colocada na escola. Portanto não absorvem real conhecimento de como mundo funciona ou sofre ou como o seu paradigma de subsistência na civilização causa sofrimento e morte a outros.

Anos de tal isolamento limita a habilidade da criança de se sentir ligada com outro humano ou não humano e leva-as a aceitar a ética enraizada na alienação, hostilidade com o selvagem, e ignorância. De facto, imortalidade, crueldade e ignorância constituem o feito mais proeminente da civilização, então é razoável que, seja esta agenda articulada ou não, as escolas trabalham para instalar estas qualidades em futuros “recursos humanos” e portanto competição, bullying, e outras formas de violência que crescem nas escolas hoje refletem esta fundação.

Em ontologias selvagens, seres nascem com o seu próprio propósito e prazeres de ser. A sua existência é então a sua *raison d'être* própria. O facto de que seres selvagens continuem a existir sem ninguém os ensinar como o fazer demonstra que crianças humanas e não humanas estão preparadas para aprender a viver; e desde que eles não podem evoluir num ambiente a morrer, também aprendem que o melhor para os seres vivos é manter o equilíbrio na comunidade que é a vida. Esta epistemologia, ou caminho de nos conhecermos a nós próprios e ao mundo, está enraizada na premissa fundamental do selvagem: nomeadamente, se a vida aconteceu na terra é porque as condições eram favoráveis á vida e o mundo é bom para a vida, depois seres vivos, pela virtude de viver, sabe o que é melhor para ele. O melhor para os seres vivos é saúde, diversidade, e alegria.



A aquisição de tal conhecimento requer presença e a capacidade de entender o estado emocional e experiencial daqueles que partilham um espaço, um mundo. Como escreve Erica-irene Daes em nome do Working Group on

Privacy & Cookies: This site uses cookies. By continuing to use this website, you agree to their use.  
To find out more, including how to control cookies, see here: [Cookie Policy](#)

Close and accept

“ Os povos indígenas olham todos os produtos da mente humana e coração como interligados, e como se fluíssem da mesma fonte: as relações entre as pessoas e a sua terra, o seu kinship com outras criaturas vivas que partilham a sua terra, e com o mundo espiritual. Dado que a fonte de conhecimento e criatividade é a terra e si, e toda a arte e ciência de um povo são manifestações das mesmas relações...”



Nas sociedades selvagens esperasse que as crianças aprendam através de experimentação e interação com uma comunidade e família protetiva onde as crianças são encorajadas a tentar, testar, e experimentar-se a si próprios e o meio em redor. Animais humanos e não humanos não domesticados permitem que as crianças desenvolvam os seus instintos e forçar relações bio diversas através da experiência, empatia, e auto realização, não interessa quanto obscura a auto realização possa parecer aos outros. Estes são exemplos anciãos que alastram a sociedade humana e de outras sociedades animais. O povo Semai de Malaya oferece-nos uma ilustração contemporânea de tal grau de parentesco e cultura infantil.

Como muitas outras sociedades indígenas pelo mundo, os Semai não impõem restrição se não em caso de violência ou jogos competitivos ou quando em resposta a perigo de vida emediato. Não incentivam as crianças a servir como também não praticam nenhuma forma de punição psicológica, moral, ou castigo físico da criança, porque vêem a criança como desejadora, e capaz de aprender simplesmente ao viver e gozar da proteção do amor incondicional que a comunidade propiciona. Em tais sociedades, quando começam a gatinhar, as crianças assimilam a cultura de higiene e interação social, por exemplo, rapidamente aprendem onde ir á casa de banho sem livros, narrativas, ou ameaças de ostracisação. Eles também aprendem que qualquer expressão de crueldade, incluindo o consumo de animais que criam, não é parte de uma “ cadeia de comida natural”, mas constitui canibalismo e é parte de um contexto mais abrangente da violência que marca as relações civilizadas.

A pedagogia não pode então ter lugar no mundo selvagem. Só pode existir em sociedades civilizadas onde a intenção é integrar as crianças como futuros “recursos” numa hierarquia estabelecida de consumo ( ou esforço, trabalho, e vidas). Tal “integração” requer um sistema de educação que modifique o comportamento da criança, necessidades, e desejos. Isto é domesticação per se e requer a normal do propósito: a cadeia de comida pela qual tudo a todos supostamente existe. Pelo contrário na selva, onde é vital para a criança aprender a responder á

Privacy & Cookies: This site uses cookies. By continuing to use this website, you agree to their use.  
To find out more, including how to control cookies, see here: [Cookie Policy](#)

Close and accept

donos. A educação é portanto um sistema de domesticação que confia em confinamento, isolamento, pensamento formulado, e linguagem representativa, no lugar de presença e experiência pessoal, onde o objetivo é irradiar idiosincrasia e em lugar disso inculca, pela dor e ausência de alimentação, o “conhecimento”, ou a noção que existimos não para nosso prazer, mas como um recurso de trabalho ou entretenimento de alguém.

Tal modificação do propósito próprio e do eu torna-se o focus de relações inter generativas e constitui a maior experiência característica da infância, durando, pelo menos, até á prematura idade de adulto, se não mais trade através da universidade e escolas de graduação. Esta prática vem da assumpção que a criança não aprenderá a viver ( na civilização) e servir outros como recurso a não ser que sejam forçados a aprender por ameaças e dor emocional e/ou física infligida sistematicamente. E claro, isto tudo uma precisa contenção, para as crianças saberem que existem para gozar a vida, não para a torturar, não sofrer por ela, e não extingui-la. A resistência á domesticação sempre foi forte. Antes, demorava décadas para erradicar a vontade selvagem e dificilmente em qualquer os animais humanos e não humanos tornar-se-ão ferais

Em respeito a isto, a comida está no nexus da domesticação, colonização, civilização, e educação, por isso constitui a fonte, o método, e a razão intrínseca da violência da civilização. Especialmente, a retração de comida e a introdução da fome é o método de treinar pessoas não humanas para servir os interesses da sociedade humana domesticadora. Os animais humanos são domesticados da mesma maneira, por ameaças de pobreza ou fome, no seu core, é sobre a retração de alimentação e que constitui o principal método pedagógico em treinar recursos humanos: as escolas utilizam grades e outras castigos físicos e psicológico para convencer recursos futuros (trabalhadores) para encaixar com a ordem social.



Nomeadamente, boas notas prometem um lugar melhor na cadeia de comida; notas baixas e maus relatórios ameaçados com a fome, desalojamento, isolamento social, e sofrimento tanto do desemprego ou de trabalho com movimentos repetitivos muitas vezes em condições horrorosas. Avaliação escolar serve para justificar a apatia da parte daqueles que exploram o sofrimento e trabalho daqueles que na força do sistema sócio económico no fim da cadeia alimentar. Por outras palavras, crueldade, apatia, e alienação são artificialmente inculcadas em instituições de “aprendizagem” para se civilizar e colonizar recursos humanos e não humanos em nome da alimentação e simultaneamente pela cadeia alimentar. Estas qualidades não são efeitos colaterais ou resultado de um acidente indesejado da “natureza humana”; eles mentem no coração da agenda civilizada. De facto, são parte intrínseca do

Privacy & Cookies: This site uses cookies. By continuing to use this website, you agree to their use.  
To find out more, including how to control cookies, see here: [Cookie Policy](#)

Close and accept

salas de aulas onde a estrutura hierática obriga obediência aos mais altos rankings da autoridade ( exemplo professor e representante de turma escolhido) e onde as crianças aprendem a ouvir o professor, a ler e a escrever. As classes são arranjadas por idade, pessoas de fora não podem entrar, e este confinamento de crianças em espaços com as mesmas idades elimina a possibilidade das crianças experienciarem o caos diário da vida no mundo real. No ultimo ´seculo, literatura e línguas coloniais tem sido impostas nas crianças pelo mundo sem olhar á sua cultura ancestral ou o trabalho que teriam para fazer inquéritos visando as capacidades para escrever, particularmente numa linguagem colonial e estrangeira.

A minha própria infância é uma ilustração perfeita desta colonização e as suas complexidades. Quando vivi na Rússia, a minha opinião da escola curricula era limitada ao Russo, que era a língua oficial na União Soviética e as nações “amigas”, e quando mudámos para o Sudão, foi para uma escola de inglês e árabe, ambas eram linguas do colonizador em África. Toda a minha educação era antropocêntrica e maioritariamente Eurocêntrica e alienada da vida real do Nordeste africano no qual eu vivia e que era devastado para servir o “ocidente/Médio Oriente” e as necessidades coloniais – primeiro trabalho escravo, depois para roubar marfim assassinou elefantes, depois algodão, cobre, uranium, e finalmente petróleo, entre outras infundáveis violações da vida. Depois da independência da Inglaterra em 1956, o Sudão herdou as fronteiras coloniais e manteve uma entidade colonial pela virtude do seu lugar na hierarquia da “post” economia colonial, portanto seguiu o legado da exploração mineira, escravatura, exploração, guerra, e desertificação, portanto re-iniciando o paradigma exploratório da cadeia de comida predatória. Isto é verdade para todas as nações estado do mundo contemporaneo, e assim não pode haver soberania na civilização, que é colonialismo per se.

Como o modo mais efetivo de domesticação, a educação sempre teve um papel critico em todo isto. Historicamente, quando os árabes e mais tarde os europeus colonizavam um novo lugar, a primeira coisa que faziam era abrir escolas. Mesmo assim, apesar da relação casual entre civilização, sofrimento, e devastação ambiental, mais desesperadamente a situação ecológica cresce, quando mais se defender a escola e quanto mais os paós a exigirem para as suas crianças, aceitando a propaganda do estado que a educação é a resposta.

No entanto, os 10.000.000 anos de civilização demonstrou que foi a própria civilização que trouxe a organização violenta, espalhou pobreza entre as classes desposadas de animais humanos e não humanos, mal alimentados, stressados, e a quem a exploração enfraqueceu o sistema imune, enquanto abandonados em condições de vida que facilitam o alastrar de doenças contagiosas e epidemias. Por exemplo, Armelagos e colegas discutem na sua pesquisa paleontológica em 1991 de como o sedentarismo e a agricultura aumentou on níveis de mortalidade, particularmente negativo nas mulheres, crianças, e adultos mais velhos. De acordo com eles, o sedden cresceram na população neolítica apesar do aumento de mortalidade ao reduzir os intervalos entre nascimentos e aumento de nascimentos por mulheres.

Noutros mundos, a civilização exigiu recursos humanos disponíveis para forças militares, policias, e trabalho duro, e esta demanda era para se encontrar pela adoção de um paradigma patriarcal que aumentasse a população monocultural, detiorando o sistema imunitário de indivíduos, grupos, e todo o ambiente. Mas eu não aprendi isso na escola, Pesquisei sozinha. Quanto mais educados nos tornamos, mais longe estamos de nos lembrar da felicidade de ser simplesmente um sere no mundo. Mesmo assim, país intrincheirados no projeto da civilização, independentemente do seu lugar na...

Privacy & Cookies: This site uses cookies. By continuing to use this website, you agree to their use.  
To find out more, including how to control cookies, see here: [Cookie Policy](#)

Close and accept



Não sabemos se neste ponto a crise ecológica pode-se prevenir. No entanto, mesmo assim devemos fazer tudo ao nosso alcance para encontrar a raiz e pará-la. Isto requer uma profunda re-examinação da epistemologia que guia a civilização e portanto o fim de todas as formas de coerção e encarceramento, incluindo, ou melhor começar pelas escolas.

Layla AbdelRahim é uma autora interdisciplinar que utiliza uma variedade de métodos de pesquisa e disciplinas para entender a civilização, mundo selvagem, e nosso lugar no mundo. No seu recente livro, *Wild Children – Domesticated Dreams: Civilization and the Birth of Education*, examina a ligação entre civilização, domesticação, e educação confiando no seu journal entries como também pesquisa ethologica e antropológica.

Para mais informação da sua critica à educação, civilização, literatura, e cultura visita o seu website:

[www.layla.miltsov.org](http://www.layla.miltsov.org)

Share this:



Um blogger gosta disto

Relacionado

Layla AbdelRahim; domesticação, crianças, supremacia branca, primitivismo!

Dezembro 20, 2013

Em "ANARQUISMO"

Zerzan, Agricultura, Domesticação e OGM's (Primitivismo)

Março 16, 2013

Em "Alimentação"

Primitivismo. A Civilização esta errada?

Dezembro 14, 2012

Em "PRIMITIVISMO"

Privacy & Cookies: This site uses cookies. By continuing to use this website, you agree to their use. To find out more, including how to control cookies, see here: [Cookie Policy](#)

Close and accept